

PROJETO DE EXTENSÃO BATARU: UM OLHAR SOBRE A VIVÊNCIA DO SIRIRI NA UFMT

Área Temática: Educação

Coordenadora do projeto de Extensão: Beleni Saléte Grando¹

Autores: Cristhian Vergílio Miranda da Silva²; Neide da Silva Campos³

RESUMO: Relataremos as vivências dos(as) discentes com o Siriri, uma dança da cultura popular mato-grossense, por meio Projeto de Extensão Bataru – identidade e cultura popular. O projeto surge a partir da compreensão que havia pouca presença do conteúdo dança na formação dos futuros professores de Educação Física. Além das oficinas, foram realizadas apresentações culturais, bem como participação em um curso de formação continuada. As oficinas de siriri foram realizadas duas vezes por semana, e através das práticas os (as) integrantes puderam vivenciar diversas manifestações da interculturalidade, bem como, a expressão, a recreação e o espetáculo que são funções fundamentais de uma dança. Os futuros professores e professoras poderão contribuir para a inserção do Siriri na escola. Por meio do projeto os(as) participantes reconheceram-se como pertencentes as culturas regionais o que é relevante na constituição de suas identidades coletivas e individuais.

Palavras-chave: Dança, Cultura, Formação, Interculturalidade.

1 INTRODUÇÃO

O escrito é um relato de experiência das aulas práticas de siriri ofertadas pelo projeto de Extensão Bataru – Identidade e Cultura Popular, que visa atender a uma demanda de interesses de pesquisa e ensino da dança tradicional mato-grossense, primeiramente de professores e acadêmicos da Faculdade de Educação Física, uma vez que há neste espaço de trocas de saberes e experiências, tanto o Grupo de Pesquisa COEDUC⁴ (Corpo Educação e Cultura) que há mais de dez anos estuda as culturas populares, como também, acadêmicos que são vinculados a Associação Cultural Flor Ribeirinha.

¹Professora da UFMT. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura – COEDUC/CNPq-UFMT. Coordenadora do projeto de extensão “Bataru – Identidade e Cultura Popular”

² Acadêmico do curso de Educação Física – UFMT. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura – COEDUC/CNPq-UFMT.

³ Doutoranda em Educação pela UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura – COEDUC/CNPq-UFMT. Professora da Secretaria de Estado de Educação, Esporte e Lazer de Mato Grosso (SEDUC-MT).

⁴ O grupo COEDUC nasce com objetivo de compreender as diferentes maneiras de ser e identificar-se em espaços de socialização e educação e construir referenciais para práticas pedagógicas inclusivas e interculturais que valorizam as diferenças (<https://www.coeducufmt.org>).

O Bataru tem seu embrião nas iniciativas de um grupo de alunos e alunas da Faculdade de Educação Física que viram a necessidade de promover a cultura mato-grossense, tendo em vista que durante sua graduação ocorre uma ausência das culturas regionais. Assim, surge o evento “Festejando Cuiabá e suas Tradições”, que além de ser uma atividade avaliativa da matéria Educação Física e Ludicidade, visava à promoção da cultura popular cuiabana através das danças (siriri e rasqueado), encenações e culinária, o acontecimento foi realizada por esses graduandos juntamente com o apoio da Associação Cultural Flor Ribeirinha.

Tendo em vista o sucesso do evento, era preciso consolidar e ampliar as práticas corporais vivenciadas pelos(as) discentes, em especial as danças, apesar da sua multiplicidade de ritmo musical e movimento, destaca que somente a uma disciplina é dedicada a essas práticas corporais na grade curricular da faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso. Diversidade que encontramos nas práticas corporais da cultura de movimento em Mato Grosso, por meio das danças populares: rasqueado, cururu, siriri, chorado, mascarado, congo.

A nova Base Nacional Comum Curricular coloca a dança como uma das manifestações culturais que deve ser trabalhada na Educação Física escolar (Brasil, 2017). Mas nada garante que os professores e as professoras, por falta de experiência, não consigam a inserção da unidade temática em suas aulas, tendo em vista essa demanda, o Bataru cria espaços de aprendizagens da cultura cuiabana a partir da vivência de danças populares no campus universitário de Cuiabá, contribuindo para a formação de professores(as) dando ferramentas que irão permitir que os(as) discentes possam no futuro inserirem a dança na Educação Física escolar.

As aulas de siriri ofertadas pelo projeto foram realizadas nos períodos de outubro e dezembro de 2017 e ainda continua no período de 2018, com as práticas realizadas no ginásio de ginástica da faculdade de Educação Física, ministradas pelos acadêmicos, e também coreógrafos e bailarinos do grupo de dança Flor Ribeirinha Avinner e Jeferson. Assim, duas vezes por semana cerca de 20 componentes entre os coreógrafos e os discentes, na sua maioria das faculdades de Educação Física e do curso de História se reúnem para conhecer, valorizar e para dançar siriri, cuja dança é uma expressão da cultura e identidade mato-grossense e cuiabana.

2 CONHECENDO O PROJETO

No contexto acadêmico, a extensão se constitui como um ambiente propício a “experimentação”, o “desenvolvimento”, “aprimoramento” e a “construção”, de um conhecimento tido por Fleuri (2017) como saberes da vida, que para o autor nasce da convergência do conhecimento popular com o conhecimento científico. Nesse sentido, buscamos articular e dialogar a partir do diálogo de saberes de diferentes sujeitos uma perspectiva de Educação Intercultural.

O Siriri é uma dança que exprime a cultura e identidade do ser Mato-Grossense. A mesma está presente nas manifestações da cultura local, principalmente nas festas de santo da cidade e região, onde ao som do ganzá, da viola de cocho e do mocho, homens e mulheres, crianças, jovens e adultos dançam e expressam maneiras próprias de ser e estar no mundo (GRANDO, 2002).

Nas aulas ministradas pelo projeto era visível a presença do conhecimento científico em diálogo com outros saberes, observados no ritmo, na sequência de movimentos, no cuidado com o preparo físico. Os coreógrafos Avinner e Jeferson, ao trazerem todo um conhecimento histórico e cultura por trás de até mesmo um simples gesto, demonstravam aos graduandos(as) participantes do projeto que não estavam simplesmente seguindo um movimento, e sim vivenciando o Siriri como manifestação da cultura popular mato-grossense.

Assim, os(as) graduando(as) reconheceram os significados por trás de suas produções culturais trazendo o Siriri mais próximo dos(as) participantes, já que os movimentos é um reflexo do cotidiano da vida ribeirinha de Cuiabá. Essa dança está intimamente ligada com três veias culturais da formação da cidade, a indígena em especial ao povo Bororo, a africana através daqueles que aqui chegaram se tornaram escravos e as dos colonizadores, os europeus portugueses.

Três etnias que se encontram nos passos marcados que relembram os rituais indígenas. Na batida do mocho que soa tão quanto os batuques africanos e na viola de cocho nítidas heranças dos instrumentos de cordas europeias, fazem que os participantes do projeto tenham o conhecimento sobre a interculturalidade que se faz presente na diversidade de saberes ao vivenciar o siriri nas aulas práticas.

Não somente do cotidiano do pescar, do preparo das comidas tradicionais, das festas de santos, como também, o olhar ribeirinho para o seu ambiente se faz presente nos movimentos do Siriri, temos assim a fauna e a flora do cerrado mato-

grossense como palco das manifestações culturais da população ribeirinha, fazendo do Siriri uma expressão de uma comunidade.

Dos principais movimentos ensinados destacamos o “passo de índio”, conhecido assim pela marcação do pé direito muito parecido com os passos de certos rituais indígenas, esses passos é base para movimentos mais complexo, principalmente no deslocamento com suas variações na diagonal, para frente e para trás, girando e na vertical.

Passos que relembram o movimento do rio, o planar de um gavião, o ato de remar e preparar tanto comidas e artesanatos, movimentos que fazem alusão as festas tradicionais de santos, torna a vivencia promovida pelo projeto um verdadeiro aprendizado da cultura ribeirinha, já que na dança e na música os(as) graduandos(as) tem o conhecimento das demais manifestações culturais da comunidade ribeirinha como o trabalho com a cerâmicas, o pescar, entre outras que fazem do siriri um encontro e promotor dessas manifestações.

Toda dança, não importa qual a estética que lhe é inerente, surge da profundidade do ser humano, ou, como Robinson nomeou, surge da “magia” e adquire diversas funções a partir de três motivações principais: a expressão, o espetáculo e a recreação (ou jogo)” (ROBISON, 1978 apud STRAZZACAPPA, p. 72, 2001).

Robinson (1978) coloca a “expressão” como a motivação mais significativa de uma dança (apud STRAZZACAPPA, 2001), o projeto também proporcionou essas três motivações, não só a expressão através dos significados integrados a dança, como também na recreação, através das práticas se pode observar essa motivação nos sorrisos, em momentos de descontração, no suor em conjunto, na interação entre os graduandos, nas horas de relaxamento depois de uma coreografia puxada, promovendo nas aulas práticas momentos de distração e relaxamento físico e mental.

E a motivação em relação aos espetáculos fica a cargo das apresentações em conjunto com artistas da Flor Ribeirinha, que levou aos participantes a ensaios puxados, coreografias marcadas, o uso de figurinos, nos repasses das sequências coreográficas com os cantores, que tanto provocou nos graduandos momentos de estresse, como também, aquele alívio de dever cumprido a cada término de uma apresentação.

3 RESULTADOS

Os encontros semanalmente para a vivência da história e prática da dança, oportunizou a constituição do grupo de siriri Bataru. Entre os frutos colhidos pelos projetos se destaca a participação no curso “Presença Indígena e Negra no Contexto Histórico Cuiabano”, focado na formação continuada de professoras e professores na rede pública de educação de Cuiabá, o evento ocorreu entre setembro a novembro com oficinas para que os(as) docentes, em especial os de Educação Física e Arte, possam inserir a cultura Indígena e Afro brasileira em suas práticas através da dança e no qual os bolsistas ministrantes do projeto Bataru, ofertaram a oficina dançando siriri.

Avinner Augusto Albino, coreógrafo do Grupo Flor Ribeirinha, destaca sobre a oficina de formação de professores, que esta: “é na verdade uma vivência das práticas do siriri para que esses profissionais possam esse conteúdo de uma forma bem eficaz na escola, onde os alunos, as crianças, os adolescentes possam vivenciar realmente a cultura cuiabana e identificar a importância dessa identidade cultural do povo cuiabano”⁵ (FLOR RIBEIRINHA, 2017)

De acordo com Jeferson “O Coeduc e a Universidade Federal de Mato Grosso oferecem essas práticas justamente para que os professores tenham mais uma opção dentro do seu diálogo pedagógico junto com os alunos”⁶(FLOR RIBEIRINHA, 2017)

É também de relevância, salientar as apresentações que o grupo realizou no anfiteatro do campus Cuiabá em eventos renomados, o primeiro foi o V Congresso Brasileiro de Educação Física do Centro-Oeste, II Congresso Internacional de Educação Física do Centro-Oeste e I Simpósio Internacional de Pedagogia do Esporte do Centro-Oeste⁷.

Outra apresentação foi realizada diante de mais 100 representantes de 31 países, a X Assembleia Geral e o IX Seminário Internacional do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras⁸ que tinha nessa edição o tema Internacionalização da Educação Superior no Contexto de Mudanças Políticas e Econômicas Mundiais,

⁵ Entrevista com Avinner Augusto Albino, coreógrafo que ministra a Oficina de capacitação “Dançando Siriri”, com o principal objetivo de disseminar o conhecimento sobre esta tradição cuiabana na escola.

⁶ Entrevista realizada na Oficina de capacitação “Dançando Siriri”, este projeto é resultado da parceria entre o grupo de Pesquisa COEDUC - UFMT e a Secretaria Municipal de Educação.

⁷ Dados em relação ao evento disponível em: <http://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/?l=congressoef>

⁸ Dados do evento disponível em: <http://www.ufmt.br/ufmt/site/noticia/visualizar/36842/Cuiaba>

evento que aconteceu entre 23 e 27 de outubro, a apresentação ocorreu como abertura do último dia do evento, em substituição ao grupo Flor Ribeirinha.

A última apresentação do grupo foi realizada na reabertura do Museu do Rio Cuiabá Hid Alfred Scaff. O evento municipal faz parte da comemoração dos 300 anos de Cuiabá, contando com a participação de diversos projetos que promovem a cultura cuiabana, da pintura, dança, canto e outras manifestações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o projeto Baturu contribuiu para a formação dos futuros professores de Educação Física, bem como de outras áreas de conhecimentos que ao vivenciarem as práticas da cultura local, possam, assim, ter um olhar mais sensível para as manifestações das culturas locais. Reconhecer que a identidade Cuiabana também está presente na dança e a valorização destas nos contextos escolares contribui para o fortalecimento da dimensão histórico-social e cultural específicos de cada contexto e que demarcam as corporeidades.

As apresentações em eventos ajudaram na promoção e na valorização, não somente do grupo, como da cultura popular mato-grossense através do siriri. As participações dos integrantes em eventos permitem um conhecimento para a vida, pois é nessas realizações que a troca de saberes com os integrantes do Flor Ribeirinha. O projeto, portanto, permite que os(as) discentes experimentar, desenvolver e aprimorar saberes da cultura de suas regiões o que é tão importante na construção de suas identidades.

Trazer a dança siriri para o palco da universidade possibilitou reconhecer, e conhecer a dimensão ontológica quando dançamos o siriri, pois nos passos, na coreografia, na musicalidade, nas cores, circunscrevem uma história, uma memória, um sentimento de pertencimento étnico-cultural necessários a constituição de identidades coletivas e individuais e que precisam ser valorizadas na escola.

5 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018
FLEURI, R. M. **Educação intercultural e movimentos sociais**: trajetória de pesquisas da rede mover. João Pessoa: CCTA, 2017.
FLOR RIBEIRINHA. Siriri, Educação e Cultura! 2017. (07m16s). Disponível em <<https://www.facebook.com/florribeirinhaflorribeirinha/videos/1549070571840565/>>. Acessado em: 09 ago. 2018.

GRANDO, B. S. (Org). **Cultura e dança em Mato Grosso**. Cuiabá: Central de Texto, 2002.

STRAZZACAPPA, M. **A educação e a fábrica de corpos**: a dança na escola. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 53, abril/2001.